

Atualidades sobre a Pupunha no Estado de Roraima¹

Paulo Emílio Kaminski²

Em Roraima, a pupunha é característica da agricultura de subsistência praticada pelos povos indígenas, populações ribeirinhas e pequenos produtores. O cultivo concentra-se na zona florestal, principalmente na região Sul do Estado, onde predominam os tipos climáticos Am e Aw, segundo a classificação de Köepen, com precipitação média anual superior a 1.700 mm e chuvas bem distribuídas ao longo do ano.

Oficialmente, a cultura da pupunha não existe no estado, mesmo estando concentrada na área de floresta Amazônica, considerada patrimônio nacional e local dos maiores assentamentos rurais. Os dados referentes ao número de produtores, área plantada, estrutura do plantio e produtividade não são pesquisados nas estatísticas do estado. No DEPAG, setor de planejamento da política agrícola para o estado, não existem ações de governo que contemplem a pupunha. Na carteira do PRONAF (Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar) no Basa, principal agente financiador do desenvolvimento rural no Estado, não existe registro de projetos financiados com a pupunha. O relatório mais recente sobre os dados econômicos e sociais de Roraima, organizado em 2003 pela FECOMERCIO (Federação do Comércio do Estado de Roraima), também, não faz menção à pupunha.

Os maiores promotores do cultivo da pupunha em Roraima são as ONGs, principalmente os sindicatos e associações de produtores rurais e a CPT (Comissão Pastoral da Terra). Em parceria, estas ONGs desenvolveram, pelo menos, dois grandes projetos nos municípios de São João da Baliza e Rorainópolis na década de 1990. O objetivo era promover o desenvolvimento da propriedade rural através do cultivo de pupunha para palmito. Contemplavam a aquisição das sementes (pupunha de Yurimáguas adquirida em Rio Preto da Eva), construção do viveiro, produção das mudas e distribuição de 200 mudas a cada filiado. A intenção era atender 100 assentados em cada município na fase inicial.

Estes projetos não foram bem sucedidos e, segundo os representantes dos sindicatos envolvidos, o insucesso deve-se aos seguintes fatores: falta de conhecimento sobre a pupunha, o plantio no campo era feito com base no conhecimento empírico de cada agricultor; ausência de assistência técnica para orientar na escolha do terreno, forma e época de plantio; e falta de liderança e mobilização. Em Rorainópolis o projeto foi abandonado ainda na fase inicial. Como resultado, somente dois produtores mantêm o plantio de pupunha. Em São João da Baliza, o viveiro está sendo utilizado, as mudas produzidas a partir do germoplasma de Yurimáguas, continuam sendo distribuídas, mas são poucos os produtores que se dedicam a esta atividade. A ausência de uma indústria de beneficiamento de palmito para absorver a produção e o baixo número de produtores bem sucedidos que despertasse o interesse dos investidores contribuiu para o fim desses projetos.

Como resultado da falta de êxito em produzir pupunha para palmito, a solução foi manejar para produção de frutos. Hoje, em Roraima, todos os plantios de pupunha são direcionados para essa finalidade e são utilizados para alimentação familiar ou para abastecer o

¹ Apresentado no Reunião Técnica do Projeto de ProBio/MMA *Pupunha – raças primitivas e parentes silvestres*, Manaus, Amazonas, 22-24 de junho de 2005.

² Embrapa Roraima, <emilio@cpafrr.embrapa.br>

comércio de fruto de pupunha. A maioria dos plantios consiste de poucas plantas, cultivadas em pomares caseiros ou em consórcio com outras frutíferas nativas, principalmente cupuaçu.

Os plantios comerciais, destinados a suprir a demanda de frutos nas cidades, estão localizados nas vicinias dos municípios, principalmente em Rorainópolis. Na Vila do Equador, pertencente a Rorainópolis, localizam-se os maiores plantios. Os produtores cultivam em torno de 3 ha de pupunha (aproximadamente 1000 plantas) consorciadas com cupuaçu. Daquela localidade saem cerca de 500 cachos de pupunha por semana durante a safra. Os cachos são repassados aos atravessadores, caminhoneiros e motoristas que fazem o transporte de banana e passageiros entre as vicinias e a zona urbana. São comercializados nas feiras de produtores, principalmente em Rorainópolis e Boa Vista. O preço pago ao produtor é de R\$ 2,00 a R\$ 3,00 reais o cacho; é revendido por R\$ 5,00 ao comerciante, e entre R\$ 8,00 e R\$ 15,00 reais ao consumidor.

Os produtores da Vila do Equador dizem que as sementes de pupunha foram fornecidas pela SEAB. Mas conforme informações da SEAB, o estado nunca distribuiu sementes de pupunha.

No baixo Rio Branco, município de Caracará, as populações ribeirinhas que vivem do extrativismo e cultivam a pupunha nos pomares caseiros, comercializam a produção durante a safra com os barcos que fazem a ligação entre estes locais e os municípios de Barcelos ou Manaus, no Amazonas. Existe um grande intercâmbio entre as comunidades do baixo Rio Branco e o município de Barcelos. Muitos moradores dessas comunidades são naturais ou possuem parentes por lá. Em algumas casas existe pupunha de Yurimáguas sendo cultivada, que deve ser originária de Barcelos.

A agricultura em Roraima desenvolveu-se com a ocupação das áreas de campos gerais, inicialmente com a pecuária e, atualmente, com o cultivo de grãos, arroz e soja. A política agrícola do estado acompanha esta característica e prioriza os investimentos nessas atividades. A falta de políticas voltadas para o Sul do Estado, que propiciem condições de trabalho e alternativa para geração de renda aos produtores, e de recursos para investimento em infraestrutura, aliadas à ausência de uma empresa de extensão rural são fatores que contribuem para a manutenção da agricultura de subsistência, desmatamento e abandono dos lotes pelos assentados. De acordo com os dados da SEPLAN (Secretaria de Planejamento do Estado), em 1997 existiam 20 mil lotes de assentados e estimava-se que 25% estavam abandonados. Em muitos desses lotes é provável encontrar pupunha na área que foi desmatada e a origem desse material é desconhecida.

O zoneamento ecológico e econômico do estado, que está sendo reformulado, tem o objetivo de orientar na utilização dos recursos naturais, de modo garantir a preservação dos ecossistemas. O cultivo da pupunha, para palmito ou fruto, é uma alternativa para atingir os objetivos do ZEE, gerar riquezas e contribuir para o desenvolvimento das áreas de florestas. A localização estratégica de Roraima, com acesso a grandes centros consumidores, como a Venezuela e Manaus, é uma garantia de mercado para os produtos do Estado.